



CÂMARA MUNICIPAL DE ÉVORA

ESTRATÉGIA PARA

**ÉVORA,
CIDADE EDUCADORA**



CÂMARA MUNICIPAL DE ÉVORA

Índice Esquemático

Nota introdutória.....	3
I - Modelo esquemático da estratégia para <i>Évora, Cidade Educadora</i>	4
II - Breve enquadramento teórico e conceptual de <i>Évora, Cidade Educadora</i>	5
2.1 - A necessidade da cidade se conhecer	6
2.2 - A necessidade da cidade se reconhecer como espaço humano.....	8
2.3 - Temas como percursos, da Cidade Educadora	9
III - Requisitos ou condições de base para o envolvimento/desenvolvimento de Évora, cidade educadora	11
Bibliografia.....	12



CÂMARA MUNICIPAL DE ÉVORA

Nota introdutória

Este documento apresenta, de forma sintética, as linhas mestras da intervenção do grupo de trabalho, constituído pelo DISE, DCHPC, DASAJ, DAC, DD, DAQ e DPT, nomeadamente ao que toca ao enquadramento teórico-conceitual para **Évora, Cidade Educadora**, à metodologia que será implementada, o funcionamento interno do grupo e os produtos e outputs que resultarão da sua acção.

Está dividido em três partes distintas: a 1ª, que de forma esquemática e sintética apresenta a metodologia, os eixos prioritários, os objectivos, os canais de informação, os produtos e as limitações.

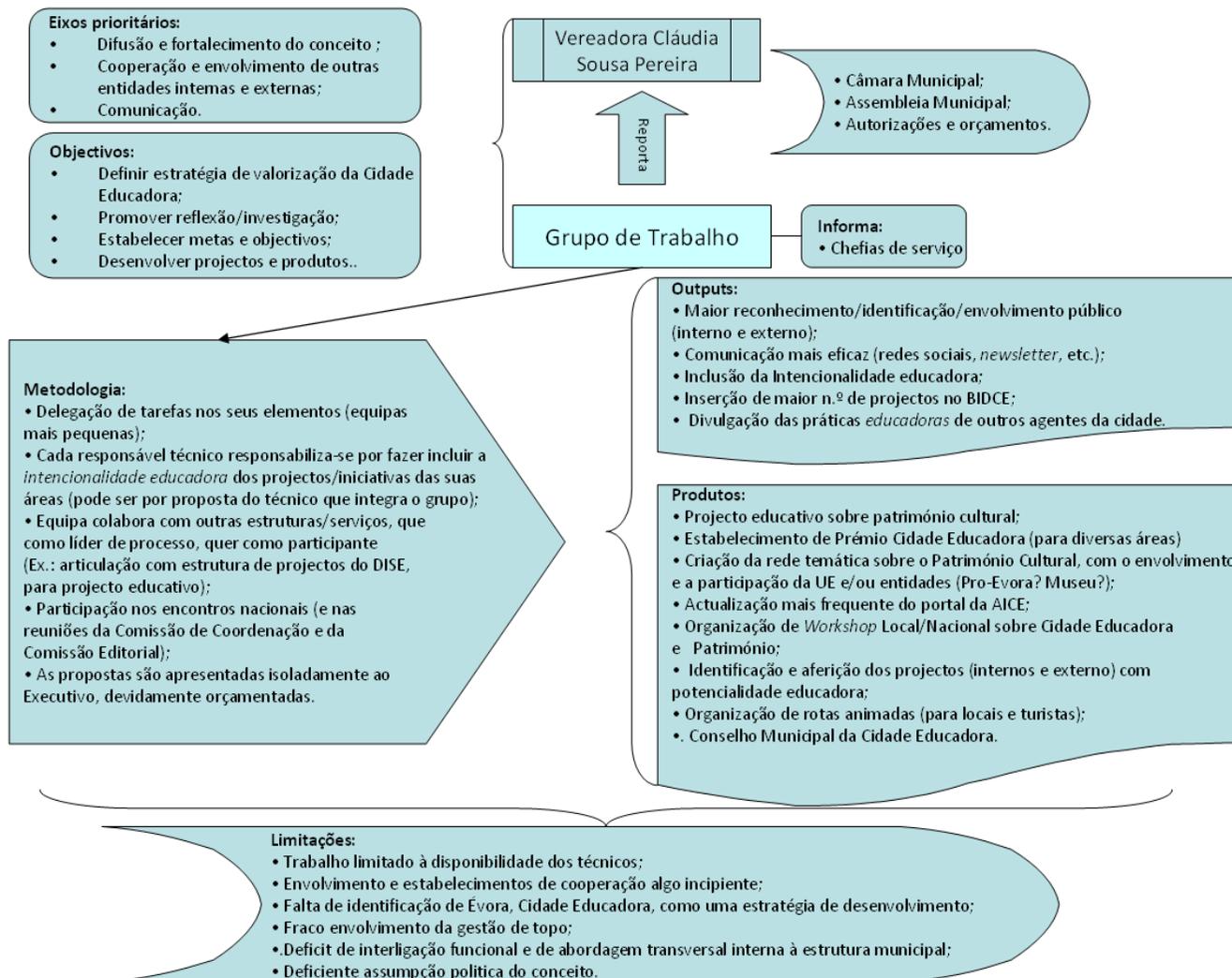
A 2ª parte, que descreve o enquadramento conceptual e aponta 3 desígnios para Évora, Cidade Educadora: o autoconhecimento; o espaço público e espaço humano.

Finalmente, a 3ª parte, que caracteriza os requisitos para o funcionamento do grupo.



CÂMARA MUNICIPAL DE ÉVORA

I - Modelo esquemático da estratégia para Évora, Cidade Educadora





CÂMARA MUNICIPAL DE ÉVORA

II - Breve enquadramento teórico e conceptual de *Évora, Cidade Educadora*

A “ágora” é o lugar onde coincidem o “oikos” – o doméstico, o domínio privado – e o “oikomene” – o político, o domínio do público. Aí se encontram para conversar, e o objectivo explícito ou implícito do intercâmbio (em todas as suas formas: discursos formais recebidos com aplausos ou assobios; discussões mais ou menos acaloradas, chatas, sermões, acordos e disputas, etc.) alcançam ali uma dupla e satisfatória tradução: as preocupações e desejos privados traduzem-se em questões públicas; as necessidades e ambições públicas, em direitos e obrigações privadas. É na “ágora” que se volta a negociar o pacto segundo o qual os indivíduos se integram numa totalidade social (quer seja uma tribo, uma comunidade local, um estado-nação, ou uma perspectiva maior da humanidade).

Bauman, 2008:53

É na construção social de uma “Évora/ágora” mais aberta, mais transparente, mais responsável, mais participada, mais solidária, que a Cidade Educadora poderá sediar-se.

A “ágora”, neste caso, assume a dimensão de uma comunidade local, entendida a partir do seguinte conceito:

“As pessoas resistem ao processo de atomização tendendo a agrupar-se em organizações comunitárias que, ao longo do tempo, geram um sentimento de pertença e, em última análise, em muitos casos, uma identidade cultural, comunitária. Coloco então, a hipótese de que, para que isso aconteça, torna-se necessário um processo de mobilização social, isto é as pessoas precisam de participar em movimentos urbanos (não necessariamente revolucionários) pelos quais são definidos e defendidos interesses comuns. A vida é, de algum modo, compartilhada e um novo significado pode ser produzido.”

Castells 2007b:75

Para iniciar o caminho aqui proposto de construção e partilha de discursos, considera-se necessário representações de três culturas distintas - a empírica, a técnica (onde deve-se incluir a investigação académica) e a política. É no encontro destas três culturas que se podem procurar sentidos para a construção de uma Cidade Educadora.

Por cultura empírica entende-se a totalidade de contributos que dispensam requisitos prévios. Ou seja, são consideradas as opiniões, posicionamentos e expressões de todos os cidadãos que queiram participar no processo de construção da cidade educadora.

Na cultura técnica, referenciamos os indivíduos ou instituições com contacto prévio com a questão da Cidade Educadora, com competências exercidas ou reconhecidas neste quadro, com condições para aportarem conteúdos mais ou menos elaborados ou reflectidos, em áreas específicas, ou mais generalistas do espaço público.

A cultura política integra aqui as personalidades eleitas, ou representantes formais de estruturas e instituições vocacionadas para o exercício da actividade política.

Persegue-se assim, nesta proposta o desejo de uma vida quotidiana onde os valores da “civitas romana” ou da “cidade – mundo” se refiram a um “pluriverso, culturalmente híbrido” (Valleriani, 2009). Para nutrir este desejo, o olhar só pode ser transdisciplinar, capaz de superar as distinções rígidas e aportar a ideia de mistura ou mestiçagem de grupos diferentes, forjados nos discursos de tempos e espaços distintos que coexistem num mesmo lugar, denominado Évora.



CÂMARA MUNICIPAL DE ÉVORA

2.1 - A necessidade da cidade se conhecer

“O imperativo do autoconhecimento é um imperativo ético: tornar-se consciente de si é antes de mais nada ser fiel a si mesmo, estimar a si mesmo, cumprir o próprio destino.

César, 2006:127

Para a cidade, é hoje fundamental assumir este imperativo do auto conhecimento:

- **“Mergulhando na sua interioridade, no seu passado, pela memória e pela mediação dos mitos e dos sonhos”.** (idem)

Para construir uma plataforma de conhecimento sobre esta Évora, são identificados como importantes as seguintes fontes:

- Um vasto conjunto de estudos sobre a cidade de Évora desenvolvidos no âmbito das diferentes ciências sociais;
 - A observação de discursos produzidos nos diferentes domínios (atendendo à riqueza do discurso estético e à tradição de Évora ao nível artístico, a arte contemporânea pode ser o primeiro a ser observado);
 - Outros documentos quer de natureza técnica (como planos estratégicos, projectos, etc.), quer produzidos pela opinião pública (como notícias, artigos de opinião e outros veiculados pela comunicação social);
- **Fazendo a prospecção do futuro pelas vias do diálogo, dos encontros, da criação, da construção conjunta de obras.**
A metodologia proposta para este trajecto do percurso da Cidade Educadora pode, (sem prejuízo do uso de outras) iniciar-se pela promoção de encontros entre actores sociais da cidade (incluindo indivíduos e grupos diversificados) interessados em participar nesta construção;
 - **Reconhecendo o presente pela narrativa da vida dos habitantes da cidade, tornando legível uma arqueologia humana e de lugar.**
A recolha e tratamento de histórias de vida de cidadãs e cidadãos eborenses está identificada como uma metodologia adequada ao objectivo do auto conhecimento da cidade.

Da necessidade deste exercício permanente de auto conhecimento, poderão emergir valores de referência capazes de se constituir como código que suporte a uma comunicação entre os habitantes da cidade.

Por outro lado, é igualmente notória a necessidade de contracto ou contractos, compromisso ou compromissos, a celebrar por partes múltiplas e diversas com o objectivo de melhor *ensinar e aprender a ser*. Conjuntamente. No espaço de vida conjunta que é a cidade. Porque *ninguém aprende ou ensina a ser isoladamente*.



CÂMARA MUNICIPAL DE ÉVORA

Para dialogar sobre as possibilidades deste compromisso, os habitantes da cidade necessitam de elementos ou signos para uma linguagem susceptível de ser construída em conjunto.

E para saber, ou ter consciência do que deseja, o habitante da cidade deve conhecer-se. No seu espaço e tempo. “Temos o dever de compreender o nosso tempo” é o apelo de muitos autores, entre os quais Ricoeur, que esclarece também que nessa procura de compreensão há que ter presente que “a posse de si não nos é dada: é uma tarefa”.

Rocha, 2006:57

Também na descoberta da cidade, na procura do seu conhecimento, tal como na educação, parece útil deixar a “hermenêutica da continuidade” a que se refere aquele autor como a hermenêutica do passado, ou do transmitido, propondo antes “a fusão de horizontes” que define como “a reunião dos campos visuais num novo campo visual, quer dizer a produção de um espaço de uma percepção comum entre interprete e *interpretandum*”. Esta hermenêutica aplicada à cidade enquanto texto aberto, parece ser um caminho para o “pensamento que a interpreta”.

Este pensamento inspirador da construção social da Cidade Educadora aqui proposta deve ser, segundo Valleriani, “pluritópico” ou seja, um saber “multicentrado” enraizado em múltiplos contextos.

“A hermenêutica converte-se assim num pensamento embebido em história que recupera em muitos lugares do planeta os sinais das frágeis existências dos viventes, descartadas pela ideologia colonialista como objectos marginais e insignificantes, onde se mostram as “pegadas indeléveis” sobre as quais se sedimentaram as ofensas e feridas recebidas do poder”

Valleriani, 2009:64-65

Sendo Évora um lugar de onde partiram e chegaram os homens das descobertas marítimas do mundo - onde se instalou o rei e a sua corte, durante um período significativo dessa época, e do qual herdámos valiosos testemunhos de pedra, mas também ideais, - ou sejam patrimónios materiais e imateriais - que importará analisar e mesclar com o discurso empírico contemporâneo, de forma a compreender os contextos em que se quer construir a Cidade Educadora.

Por tudo isto, a hermenêutica surge como princípio metodológico geral e simultaneamente como atitude, adequados à compreensão da cidade que quer ser educadora.



CÂMARA MUNICIPAL DE ÉVORA

2.2 - A necessidade da cidade se reconhecer como espaço humano

Procurar a Cidade Educadora é equivalente a procurar um espaço para o desenvolvimento humano.

Neste sentido, podemos observar uma significativa convergência de vários autores e apelos que reclamaram “as éticas plurais e regionais” como reveladoras “de uma ética como lugar de desejo de felicidade partilhada com outrem” (Beckert:2006:178); ou que consideram que “a ética e os valores constituem a primeira chave na promoção de um futuro sustentável e de sociedades equitativas e justas”, (Ospina, 2000); ou que propõem ainda, “uma revolução na estrutura do pensamento, em valores e em atitudes éticas dos indivíduos e das sociedades, cujo protagonista há-de ser a cidadania no seu conjunto e em nosso entender a educação em geral” (Herrero, 2006:13).

Mas apesar desta convergência, o discurso dos valores na Cidade Educadora será sempre um discurso a construir e não um discurso oferecido, disponível para consumo. Não olvidaremos nem encobriremos as lições que a história passada e recente nos permite, acerca do papel dos valores nas sociedades humanas. Por isso o caminho terá de ser outro, deverá ser acutelado e construtivo. Próprio do caminhante e não do viajante. Ou seja, adoptando a imagem do filósofo Italiano António Valleriani o caminhante é o que vive no percurso, que usufrui dele, o constrói e é por ele construído. Enquanto o viajante é o que tem uma meta, um objectivo, que tudo sacrifica à possibilidade de o atingir, e uma vez conseguido o viajante fica esgotado, ou na expressão deste autor “o viajante morre com a meta”. (Valleriani, 2009:79). Na Cidade Educadora desejam-se caminhantes ou caminheiros, em vez de viajantes.

Resumidamente, a cidade que se reconhece como espaço do humano é aquela que se suporta na educação em valores e aquela que é vivenciada no espaço público.



CÂMARA MUNICIPAL DE ÉVORA

2.3 - *Temas como percursos, da Cidade Educadora*

A Cidade Educadora deve assumir enquadramentos teóricos mas não pode resvalar para uma proposta abstracta ou de difícil concretização no plano real.

Considerando a complexidade expressa no espaço e tempo a que chamamos Évora contemporânea e a necessidade de lidar com ela, na construção da Cidade Educadora, a proposta é a de recorrer ao que conhecemos como mais estruturante, ou como mais consensual, para a partir daí avaliar a possibilidade de novas construções ou seja do caminho a seguir.

A dimensão física da cidade, a sua dimensão concreta, observada num estado mais ou menos “sólido”, a que se junta uma maior ou menor humanização num processo dinâmico com tendência para o “estado líquido”, constituem o ponto de partida para esta análise.

Há cinquenta anos, Kevin Lynch (2003:11) partiu da ideia de que “a cidade é uma construção no espaço, mas uma construção em grande escala, algo apenas perceptível no decurso de longos períodos de tempo”. Esta construção equacionada numa perspectiva urbanística, tinha como base que “os elementos móveis de uma cidade, especialmente as pessoas e as suas actividades, são tão importantes como as suas partes físicas e imóveis”. O consenso que esta observação gerou pode servir como ponto de partida para fazer evoluir uma construção ainda mais social da cidade.

Se, como defendia aquele autor, a cidade não é apenas um objecto concreto, apreendido por um número mais ou menos alargado de pessoas das mais diversas proveniências, classes sociais e perfis psicológicos, mas o resultado da participação de “muitos construtores que constantemente modificam a estrutura por razões particulares”, também a Cidade Educadora poderá ser assim entendida.

Por outro lado, os construtores da Cidade Educadora são todos os seus cidadãos. Mas, num processo de planeamento, ou de gestão, da Cidade Educadora, admitimos por razões de viabilidade metodológica solicitar a participação das diferentes “ecologias de vida”, em vez de todos os cidadãos, por forma a conhecer os diferentes “incursos” do discurso que nunca será final, já que deverá estar em permanente apreciação e reformulação.

Esses diferentes contributos, ou representações da “cidade querida”, poderão concorrer para a construção de uma “legibilidade” da Cidade Educadora. Como sabemos que as representações serão quase tão diversificadas quanto o número de cidadãos da Cidade Educadora, parece conveniente encontrar um instrumento de orientação, ou que ajude à navegabilidade dos cidadãos no mar incerto que a cidade de hoje é. Dizia Lynch (2003:19) que “o mapa, quer exacto ou não, deve ser suficientemente bom para que conduza uma pessoa a casa”. Um instrumento desta natureza poderia ser uma ferramenta poderosa para a edificação da Cidade Educadora. Uma ferramenta que facilite a vida dos cidadãos na sua progressão no espaço físico, mas também social.

Um mapa - ou atlas, enquanto conjunto diversificado de mapas -, construído com a finalidade de não restringir as possibilidades de escolha dos percursos na cidade, por



CÂMARA MUNICIPAL DE ÉVORA

parte dos cidadãos, mas de aumentá-las, afigura-se um instrumento de utilidade a testar.

Assim como nos é possível aceder a mapas que orientam os visitantes na maioria das cidades, disponíveis nos pontos de encontro, ou de informação, seria certamente útil à construção da Cidade Educadora, o investimento em mapas, ou sejam instrumentos fáceis e legíveis, que facilitem a mobilidade dos cidadãos neste espaço de fluxos como o definiu Castells (2007a:535).

Em consequência do investimento neste género de formas de comunicação específica da Cidade Educadora, deseja-se o reforço dos sentimentos de comunidade e de liberdade, dois pólos apontados por Bauman (2007:133-134) como sendo opostos mas que não podem viver um sem o outro. Juntas, na permanente correlação de forças mais ou menos expostas, a comunidade e a liberdade são constituintes da vida na cidade. Do delicado equilíbrio entre estes dois pólos resulta a “cidade feliz”. Assim, para além do reforço dos sentidos de liberdade e de comunidade deseja-se promover o diálogo entre os dois.

“O que o ideal de uma cidade feliz requer é a construção de um compromisso, orientado para um balanço subtil entre ocasiões e perigos, estabelecendo um acordo entre exigências em conflito, em vez de «soluções» radicais (...) Ao longo da história moderna, no entanto, a maior parte das fantasias e dos projectos da cidade feliz adoptaram o critério de uma prova de força decisiva a levar a cabo entre pólos opostos que só podem continuar a viver conjuntamente, pois nenhum deles sobreviveria ao fim do outro. Ecoavam as aflições mais profundas e incuráveis dos homens e das mulheres modernos, votados (como diz Alf Hornborg) a «oscilar entre um anseio de *comunitas*, o desejo de serem parte de qualquer coisa maior que o seu Si-Próprio acorrentado, e o medo da auto dissolução» - para acabarem por descobrir simplesmente, uma e outra vez, que a liberdade sem comunidade significa loucura, enquanto a comunidade sem liberdade significa servidão.”

Bauman, 2007:134

E é nesta lógica que se propõem, como hipóteses de trabalho, um conjunto de temas, (sem exclusão de outras temáticas possíveis) para debate inicial e exploratório com as diferentes “ecologias da cidade”.

O que mais importa é criar um mapa de reflexão local, com temas que equivalem a monumentos que não se querem só visitados, mas descobertos, no sentido de conhecidos, reflectidos e apropriados. A dimensão quantitativa (dez temas) não é muito relevante. Já o aspecto qualitativo, referente aos conteúdos dos temas é tido como estruturante.

A partir das dinâmicas geradas, em sequência ou no contraponto a estas, inúmeras outras linhas de diálogo deverão afirmar-se. E esse pode ser um caminho de procura das “palavras geradoras” de Évora, Cidade Educadora.



CÂMARA MUNICIPAL DE ÉVORA

III - Requisitos ou condições de base para o envolvimento/desenvolvimento de Évora, cidade educadora

1. A assumpção de uma linha de intervenção de natureza interdisciplinar, inter-serviços ao nível da CME, inter-institucional ao nível da cidade, implica necessariamente uma decisão prévia do nível do topo da hierarquia da instituição promotora do processo (CME) que permita e legitime o desenvolvimento de propostas de iniciativas, eventos e dinâmicas que concretizem no espaço real a perspectiva de trabalho em referência.

2. Para o desenho e acompanhamento deste processo é necessária uma equipa de trabalho, reconhecida e validada ao mesmo nível de topo da hierarquia, de forma a ser acreditada junto de todos os interlocutores e estruturas de contacto.

A equipa é constituída pelos elementos indicados pelos diferentes serviços da CME, a saber:

DISE: Sancho Gomes

DAC: Alexandra Charrua

DAQ: Margarida Fernandes

DASAJ: Luísa Policarpo

DCHPC: Dores Correia

DD: Óscar Tojo

DPT: Francisco Bilou

3. Este grupo de trabalho para **Évora, Cidade Educadora**, deverá receber orientações e directivas, apresentar propostas de funcionamento e iniciativas, reportar a sua actividade, directamente ao responsável pelo pelouro municipal em que se inscreve a área da Cidade Educadora, no período 2009/2013, a Sra. Vereadora Cláudia Sousa Pereira.



CÂMARA MUNICIPAL DE ÉVORA

Bibliografia

BAUMAN, Zygmunt (2008), "Espacio Público" in Asociación Internacional de Ciudades Educadoras,(org) *Educación y vida urbana - 20 años de ciudades educadoras*. Madrid: Santillana.

BAUMAN, Zygmunt (2007), *A vida fragmentada – Ensaio sobre a Moral Pós-Moderna*. Lisboa: Relógio d'Água.

BECKERT, Cristina (2006) "O Paradoxo da autonomia e da fragilidade em Ricoeur", in HENRIQUES, Fernanda (coord.), *A Filofofia de Paul Ricoeur*. Coimbra: Ariadne

CASTELLS, Manuel (2007a), *A Sociedade em Rede - A Era da Informação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

CASTELLS, Manuel (2007b), *O Poder da Identidade- A Era da Informação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

HERRERO, Henar (2006), "La Educación Superior frente el espejo de la sostenibilidad. ¿Reproducción o Transformación" in Escolano Benito. (Ed.), *Educación Superior y Desarrollo Sostenible*. Madrid: Biblioteca Nueva, 119-152.

ROCHA, Acílio (2006) "Identidade, alteridade e hermenêutica", in HENRIQUES, Fernanda (coord), *A Filofofia de Paul Ricoeur*.Coimbra: Ariadne

KEVIN, Lynch (2003), *A imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70.

SEN, Amartya (2003), *O Desenvolvimento como Liberdade*. Lisboa: Gradiva.

VALLERIANI, António (2009), *Al di lá dell'occidente*. Milão: Unicopli.